

A CULTURA DE MASSA E O VAZIO EXISTENCIAL, TOTALITALISMO E DEMOCRACIA: O ALÉM DO HOMEM COMO SUPERAÇÃO

MASS CULTURE AND THE EXISTENTIAL VOID, TOTALITALISM AND DEMOCRACY: THE BEYOND OF MAN AS OVERCOMING

CULTURA DE MASAS Y VACÍO EXISTENCIAL, TOTALITALISMO Y DEMOCRACIA: EL MÁS ALLÁ DEL HOMBRE COMO SUPERACIÓN

RESUMO: Desde a fase de escrita de seu *Para a genealogia da moral*, Nietzsche desenvolveu um projeto marcado por uma desconfiança cada vez mais radical sobre as bases fundamentais da cultura. A aristocracia se depreende pela crítica que o filósofo realiza a toda a dimensão gregária, mediante a qual a cultura vem marcada. No decorrer deste trabalho será observado em que medida o esforço de Nietzsche é capaz de contribuir para o projeto político de domínio e de superação. A própria noção de aristocracia tem, na sua dimensão de radicalismo, a virtude como vontade de domínio, um de seus diferenciais. Seria esta virtude compreendida exclusivamente como força, e, por isso, despida da moral, informada pelo cristianismo como projeto civilizatório, para além da cultura de massa e do vazio existencial?

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Política. Aristocracia. Cultura. Existência.

Adilson Felicio Feiler

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutor pela mesma instituição. Graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (Febe) e em Teologia pelas Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).
feilersj@yahoo.com.br

Licença CC BY:
Artigo distribuído sob os termos
Creative Commons, permite
uso e distribuição irrestrita em
qualquer meio desde que o autor
credite a fonte original.



ABSTRACT: Since writing his *For the Genealogy of Morals*, Nietzsche has been developing a project marked by an increasingly radical distrust of the fundamental bases of culture. Aristocracy can be inferred from the philosopher's criticism of the entire gregarious dimension, through which culture is marked. In the course of this work it will be observed to what extent Nietzsche's effort is capable of contributing to the political project of domination and overcoming. The very notion of aristocracy has, in its dimension of radicalism, virtue as the will to dominate, one of its differences. Would this virtue be understood exclusively as strength, and therefore devoid of morality, informed by Christianity as a civilizing project, beyond mass culture and the existential void?

KEYWORDS: Nietzsche. Politics. Aristocracy. Culture. Existence.

RESUMEN: Desde que escribió su *Genealogía de la moral*, Nietzsche ha venido desarrollando un proyecto marcado por una desconfianza cada vez más radical hacia las bases fundamentales de la cultura. La aristocracia se puede inferir de la crítica del filósofo a toda la dimensión gregaria, a través de la cual se caracteriza la cultura. En el transcurso de este trabajo se observará en qué medida el esfuerzo de Nietzsche es capaz de contribuir al proyecto político de dominación y superación. La noción misma de aristocracia tiene, en su dimensión de radicalismo, la virtud como voluntad de dominar, una de sus diferencias. ¿Se entendería esta virtud exclusivamente como fortaleza, y por tanto devoción a la moral, informada por el cristianismo como proyecto civilizador, más allá de la cultura de masas y del vacío existencial?

PALABRAS CLAVE: Nietzsche. Política. Aristocracia. Cultura. Existencia.

INTRODUÇÃO

Que Nietzsche seja um autor com contribuições para um pensamento político permanece ainda uma questão disputada. Pois, diante das críticas demolidoras que se depreendem de seu pensamento, torna-se difícil visualizar alguma referência que faz dele um autor que traga referências que possam ser revertidas em contribuições afirmativas. Essas contribuições são praticamente nulas em diferentes campos do conhecimento, particularmente aquelas que apontam para uma referência política. No entanto, autores como Michel Foucault, ao tratar sobre as abordagens políticas baseadas nas estruturas sociais de poder, bem como Giorgio Agamben, ao tratar da biopolítica, possuem em Nietzsche um terreno comum. Que o pensamento de Nietzsche não apresente uma referência robusta sobre a política até pode ser considerado um lugar comum. Contudo, tem-se despertado inúmeras provocações e pistas de reflexão que constituem solo fértil para a elaboração de um pensamento político, pois como filósofo da cultura, a política necessariamente é parte fundamental, ou seja, não há como tratar sobre política sem passar pela cultura. Pode-se dizer, em última análise, que Nietzsche apresenta uma reflexão político-moral, já que a dimensão política não pode ser compreendida como desconectada de todas as suas considerações sobre a moral. O tema da política vem associado ao tema da força, mostrando que o seu rebaixamento e fraqueza se associam a um tipo de política de rebanho, daqueles cansados da vida. Diferentemente daqueles que se lançam à vida, como num campo de luta e batalha. São os que fazem a vida prosperar, demandando sempre um *quantum* maior de força. Esses segundos são aqueles que representam a Grande Política, a política afirmativa, aquela baseada na vontade de sempre mais potência. Representam esses os que pela busca de assenhoreamento vão alcançando pontos sempre mais culminantes de potência, dentro de uma escala hierárquica de

poder. A política é, por isso, pensada, em Nietzsche, dentro de um registro orgânico¹, e que, em última análise, está ligada ao registro da moral. Pelo aumento ou diminuição das forças é que se vai configurando uma dada estrutura política: sua negação, a chamada Pequena Política, a política da massa, do rebanho, ou de afirmação, a chamada Grande Política, a política daqueles que se lançam no campo da luta, por alcançar níveis sempre mais culminantes de forças, portanto, os fortes, aqueles que se destacam pela busca da afirmação.

As considerações sobre político em Nietzsche consistem na busca de superação, no sentido de se por a caminho do alcance de mais potência. E é o trilhar este caminho que o filósofo qualifica como sendo virtuoso. Por isso, o cultivo da virtude passa pela aspiração ao domínio, sendo considerado degenerado todo o que se opõe a esse caminho, a não ser que esta oposição leve ao desencadeamento de ainda mais potência. Por isso, nenhum tipo de nivelamento é admissível, pois prende o homem ao registro gregário, aquele que vê como virtuoso o igual aos demais, conformando-se ao estamento daqueles que desistiram de lutar. E mais, daqueles que concebem a luta como pecado e como desagregação da massa gregária, e que toda a divergência incorre em dívida para com os demais membros gregários. E, enquanto persistir a dívida, permanece a culpa, que é o fardo que se carrega, impossibilitando a sua superação por alcançar níveis mais potentes da força.

Embora em Nietzsche não exista um pensamento que reflita de maneira exaustiva e com propriedade sobre a política, de modo a desenvolver uma teoria política, no sentido estrito, há, no entanto, elementos bastante sugestivos que possibilitam o desenvolvimento que culminam numa determinada teoria política. Para tanto, o conceito de vontade de potência é fundamental. A vontade de potência constitui-se como o efetivar-se das forças, nela os obstáculos e resistências fazem com que as forças se exerçam num combate interminável. No âmbito da política é a intensidade das forças, das lutas e resistências que se depreende uma força política forte, grande, afirmativa, ou, pelo contrário, uma forma política fraca, pequena, negativa. E é para uma política forte, grande que Nietzsche vincula o conceito de vontade de potência, para além de uma política fraca e pequena, a qual está ligado o conceito de rebanho. Pela vontade de potência, o filósofo alemão pensa a política como uma guerra. Não uma guerra que se trava entre nações, no sentido propriamente de interesse político, mas uma guerra no sentido de potência, uma disposição psicológica afirmativa, capaz de provocar o enriquecimento instintual, com repercussões para a existência. Como o projeto político de Nietzsche é uma parte de todo o seu projeto de cultura, a sua meta é constituir uma nova ética a partir da vontade de potência.

O presente itinerário se dá em três momentos, cada qual refletindo sobre algum aspecto fundamental que se depreende das bases que constituem o projeto político de Nietzsche. Um primeiro momento reflete sobre como a cultura ocidental tem se estabelecido e a necessidade de conversão das mesmas bases. Intitula-se este movimento "A superação das bases fundamentais da cultura ocidental: um projeto baseado nas forças". Num segundo momento, reflete-se sobre o papel que o conceito de vontade de potência exerce sobre a dimensão de renovação das bases culturais. Intitula-se "A vontade de domínio como base da cultura: um projeto permeado pela virtude". E, finalmente, no terceiro e último movimento, se reflete sobre a dimensão de radicalidade do projeto cultural a partir da vontade de potência,

¹ Essa abordagem é comum no séc. XIX, nas considerações sobre a política desde o positivismo, o naturalismo e o utilitarismo. Em Nietzsche, o que há de novo é a inserção da luta de forças, das vontades de poder, de assenhoreamento.

despida da moral. Intitula-se: "Um projeto político de superação da moral: um projeto radical"

A SUPERAÇÃO DAS BASES FUNDAMENTAIS DA CULTURA OCIDENTAL: UM PROJETO BASEADO NAS FORÇAS

Se a cultura ocidental foi compreendida como tendo por base o desenvolvimento do conjunto dos costumes que, aos poucos, foi se institucionalizando em normatizações morais, então tudo o que representou desconstrução foi considerado ameaça. Ora, o que torna adequado à vida humana acaba se solidificando em ordenamentos sólidos e inquestionáveis. Pensada nestes termos, a cultura foi compreendida como sendo pautada única e exclusivamente por aquilo que representa estabilidade e fixidez, portanto, ausência de mudança. Tudo aquilo que não passa pela mudança é considerado destituído das marcas daquilo que se compreende como cultura, sendo, inclusive, consideradas como obstáculos sua constituição, promoção e manutenção.

A verdade, por essa razão, torna-se responsável pelo imobilismo e estagnação de tudo o que representa movimento e avanço. Por ela, tudo passa a se recolher em uma posição de resignação passiva, incapaz de interpor qualquer indício de superação em prol de movimentos que apontem para a mudança. Condição esta para que a cultura se desenvolva, no sentido de se colocar um passo sempre à frente; o que, em última análise, implica em movimento. Logo, só é possível movimento, desde que a força, compreendida no plural, o desencadeie. A força é mobilizada pelo querer, e o querer, pela vontade situada no âmbito da moral, proporciona relações de dominação, das quais demanda a vida: "[...] o querer em si no âmbito da moral – moral, entenda-se como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno 'vida'" (Nietzsche, 1999, JGB/BM, 19, KSA, 5.33.4). A pluralidade das forças, em seu atuar, pela sua ação e resistência, faz com que seja mobilizada a capacidade afirmativa da vida e a cultura desenvolvida.

O projeto cultural de Nietzsche tem nas forças o seu ingrediente fundamental. Para tanto, o filósofo vê como necessário o dismantelamento daquelas bases anteriores sobre as quais a cultura do Ocidente tem se firmado. De um engessamento cristalizador a cultura passa a uma flexibilidade em porvir. Pois é justamente o movimento promovido pelas forças que irá proporcionar a dinamicidade necessária para que a cultura possa dar passos na direção de sua superação. Na compreensão de Nietzsche, a cultura somente poderá caminhar em direção a sua ascendência quando se despir dos estatutos imperativos externos, que a mantém dividida, para assumir e afirmar a sua vontade interna que quer superação. Por isso, trata-se de pautar a cultura mediante parâmetros que se depreendem do organicismo. Por essa razão, a cultura que Nietzsche almeja fundar está alicerçada sobre a potência, para a qual somente espécimes dotados de força, altura, resistência serão capazes de contribuir com o seu estabelecimento. Nesse âmbito cultural, permeado pelas forças, a guerra, a luta, o embate não são considerados mais como uma certa concepção moral preconizada, mas sim, são considerados como salutares e necessários para que a cultura possa atingir a sua superação. O que na guerra é apresentado como destrutivo, mortífero e aniquilador, sem contar com toda a questão da impiedade e dureza, passa, na concepção cultural organicista, a ser considerado como exatamente o contrário, ou seja, como construtivo, vital, restaurador.

O projeto de cultura nietzschiano passa pela dimensão fisiológica, portanto, nela as

forças² cumprem um papel fundamental. Há uma dimensão fisiológica da força que, necessariamente, reflete as práticas políticas, contudo sem a pretensão de inflacionar a própria dimensão da força, de modo a não cair num reducionismo naturalista³, como se a economia das forças determinasse as posições político-morais. Uma cultura, na visão do filósofo, somente poderá alçar os mais altos cumes da potência na medida em que nela forem cultivados os diversos desafios no intuito de demandarem a necessidade de superação, pois ao superar um determinado desafio, outros lhe seguem, num processo interminável. Ao contextualizar a importância que cumpre o papel da luta e dos desafios no âmbito da política. E é justamente sob este registro da luta, da força e do assenhramento instintual que o problema político-moral se inscreve. Portanto, trata-se de uma política baseada no rebanho submetido ao mando de uma autoridade externa. Embora nesta última forma de política exista uma hierarquia, constituída pela autoridade externa que ordena e pelo rebanho que a obedece, a hierarquia constituída pela política da vontade de potência é uma grande política. Numa política assim constituída não há espaço para qualquer forma de engessamento, pois tudo está em ebulição a todo o instante, e que uns vencem e outros são vencidos. Contudo, é aqui que reside a política, ou seja, na política de potência há uma disposição psicológica afirmativa em todos os seus componentes, desde os que estão na base, até os que estão no cume; ao passo que na pequena política, na imensa massa constituída pela base há resignação e passividade e no cume há comodismo e estagnação, comportamento típico da burguesia do tempo de Nietzsche. Ora, em considerações sobre política, constituídas por dirigentes estagnados num comodismo a regerem uma massa resignada numa passividade acéfala, não há possibilidade de qualquer modalidade de superação, senão degenerescência e apenamento. Pelo contrário, num projeto promovido pela grande política há superação, pois nela nada está estagnado, tudo se move na direção do assenhramento, pois não há nenhum tipo de limites interpostos pela moral que impeçam a conquista da maximização do poder. Em que medida a cultura, que tem como mote uma vontade que quer dominar, pode operar no registro da virtude?

A VONTADE DE DOMÍNIO COMO BASE DA CULTURA: UM PROJETO PERMEADO PELA VIRTUDE

A capacidade de domínio, pela força, tem sido o distintivo mediante o qual Nietzsche buscou estabelecer a sua reforma cultural. A vontade de domínio⁴ é a vontade de potência no âmbito político, em que se caracteriza a virtude do nobre que busca assenhramento. Tal virtude parte do indivíduo, aquele que acredita em si, para que deste se vá constituindo uma

2 Em seu projeto de cultura superior, Nietzsche apresenta um programa, mediante o qual o sentimento de poder e superioridade ocupam destaque: “[...] a cultura respira poder, e, se com frequência os seus costumes exigem tão-só a aparência do sentimento de poder, a impressão que esse jogo produz nos são nobres, e o espetáculo dessa impressão, fazem crescer continuamente o verdadeiro sentimento de superioridade. Essa indiscutível felicidade da cultura, baseada no sentimento da superioridade, agora começa a subir em degrau ainda mais elevado” (Nietzsche, 1999, M/A, 201, KSA, 3.175).

3 O viés do registro da vontade de poder – para uma prática política (moralmente motivada) deve seguir essa fisiologia da força que já foi advertida por Hume (cf. Hume, Tratado da Natureza Humana, L.3, P.1, S.2, §27, p. 509).

4 A expressão “vontade de domínio” não pode ser confundida com o sentido de dominação que possui o modus operandi colonialista ocidental. Não se trata de dominar no sentido de oprimir e subjugar, mas antes no sentido de estar imbuído da virtude, no sentido da força capaz de autossuperação, portanto, trata-se de um sentido eminentemente espiritual.

cultura nobre⁵, forte, aristocrata, o que no âmbito contemporâneo contribui para se pensar um projeto ético-político pautado na capacidade de afirmação de si, como superação. A cultura é o âmbito da “[...] vontade mesma, a vontade de potência – a inexausta, geradora vontade de vida” (Nietzsche, 1999, Za/ZA, II, Da superação de si mesmo, KSA, 4.147). A força do querer faz com que nada permaneça estático, mas que, a todo o instante, se alcancem estamentos mais culminantes de potência⁶. É este que, na nova lógica da cultura, será considerado virtuoso. A virtude, dentro dessa nova lógica, não é mais aquela regida pelo rolo compressor do nivelamento e do apequenamento, fruto do rebaixamento instintual, mas do livre atuar com vistas à ascendência aos mais altos cumes da potência. Essa inversão do apequenamento para o engrandecimento é possível graças à ausência da moral. Pela moral há uma contaminação de todos aqueles instintos altos, que querem superação, estes são neutralizados, mediante a imposição de um contra sentimento: o de que é um pecado se colocar acima dos demais. Por essa razão, todos os que ousam ultrapassar tais limites morais são considerados réus de culpa. Como culpados, tornam-se incapazes de realizar qualquer movimento que seja em prol da superação. Impõem-se, pela moral, a obrigação de se auto-diminuir, se esquecer de si em prol de um sentimento crescente de alteridade.

Em sua nova política da vontade de potência, Nietzsche introduz a guerra dos instintos de dominação contra os instintos de decadência. Nietzsche vê a possibilidade da instauração de uma grande política somente na base da guerra, que é condição para a desconstrução daquelas antigas bases culturais, a fim de que seja possível o estabelecimento de novas bases. Por essa razão, é preciso repensar a própria figura e função do Estado, de uma representação de um homem moderno apático, para a de um homem guerreiro, forte e atuante. Nesse sentido, a guerra ocupa espaço fundamental nessa configuração da força. Contudo, a guerra, no referido contexto está muito mais associada a uma dimensão espiritual que propriamente fisiológica.

Nesse sentido, a expressão do já mencionado rebaixamento vem a se fazer sentir em outros domínios, como o da política, tornando-a “pequena política”, ou seja, desvirtuada, destituída de vigor e de força suficiente para se afirmar. Isso porque reduzida a um número, ao sociologismo, ao rebanho. E, quando a cultura se reduz ao número, acaba inevitavelmente degenerada, pois deixa de lado o mais importante e essencial, que é o vigor, a qualidade, a força. Isso somente uma política grande será capaz de se ater. Pela grande política, Nietzsche inaugura um projeto de conversão da própria política, marcada pela criação de um tipo elevado de homem. Por essa razão, não pode ser considerado como pensador político, aos moldes de como, tradicionalmente, a política foi pensada até então. Dentro da concepção nietzschiana, a política não pode ser pensada como fim em si mesma, mas como aporte para se pensar o domínio da vida, em sua conotação afirmativa. É, por essa razão que, justamente, muitos sentem alguma resistência em considerar Nietzsche como autor político. Suas abordagens sobre política são, no fundo, apenas propedêuticas para pensar outros temas, de modo especial aqueles relacionados à vida e seus desdobramentos. O que Nietzsche pro-

5 No final de *Além do bem e do mal* Nietzsche não define em que consistem as novas virtudes do nobre, mas apenas aponta as condições para o seu estabelecimento. Na *Genealogia da moral* e nos escritos de 1888, ele procura avançar nessa determinação, mas permanece mais na crítica à moral do rebanho e nos valores modernos decadentes.

6 No Fragmento Póstumo de Outubro de 1887, Nietzsche apresenta a expressão “Pontos Culminantes de Potência”, para mostrar o que ele entende por Deus, como a expressão mais culminante das forças: “Deus como momento culminante [...]. Porém nisto nenhum ponto culminante de valor senão apenas Pontos Culminantes de Potência” (Nietzsche, 1999, Nc/FP de 1887, 9[8], KSA, 12.343).

põe, em termos de reflexão política é, na verdade, uma espécie de fisio-política, uma política pensada a partir de um desdobramento da natureza humana, em que a fisiologia é um componente importante. Somente uma política pensada nesse âmbito é capaz de contribuir para, não apenas a vida na sua dimensão afirmativa, mas, inclusive, para a própria política, quando esta não mais se retraia sobre uma acefalia partitiva, mas se abra a tudo o que venha a contribuir para a promoção das forças. Por isso, uma política pensada nesses moldes de grandeza prescinde de todo o reducionismo centrado em um povo, raça ou costume, ou mesmo para uma finalidade, abrindo para a dimensão própria de humanidade, pensada como garantia para a vida. E, por essa razão, são capazes de ultrapassar a decadência, que é responsável pela desagregação fisiológica, pela fraqueza e esgotamento do homem que vive na condição gregária. Pelo contrário, a virtude, resultado da transvaloração dos valores morais, comunga com os valores que compõem a grande política. A virtude, em sua dimensão transvalorada, tem como diferencial e meta não a obediência, a coerção e a submissão, mas o prazer, o deleite e a vontade. Pois, se as virtudes morais eram fruto da observância estrita das leis e costumes da comunidade, funcionando como “[...] uma espécie de ‘segunda natureza’, que transfiguraria a natureza primária dos impulsos” (Araldi, 2016, p. 418), então as virtudes passam a ser compreendidas como elevação, ultrapassagem, maximização de tudo aquilo que inspira força, coragem, nobreza, altura. Por isso, a virtude capaz de proporcionar elevação da cultura é aquela que se inscreve num registro extramoral; a virtude que se inspira na força, na potência, na ultrapassagem de todas as barreiras representadas pela moral. A virtude, dentro do registro das forças, representa um verdadeiro triunfo daqueles valores da elevação e do domínio, que servem de boas novas para a cultura. Em que medida tal projeto político, em sua grandeza e radicalidade, é capaz de superar o maior de seus obstáculos: a moral?

UM PROJETO POLÍTICO DE SUPERAÇÃO DA MORAL: UM PROJETO RADICAL

Dada a grande incidência que a moral exerce sobre todos os domínios da vida, no sentido de limitá-la, impossibilitando a sua afirmação, o projeto de sua superação é também considerado um projeto político, ou melhor, um projeto político-moral. Contudo, não se trata de um projeto político, tal como tradicionalmente é conhecida a política, com seus delineamentos centrados num âmbito sociológico, mas está para além desse âmbito, estendendo as suas influências no âmbito fisiológico. Pois, é desse âmbito que se depreendem todas as condições necessárias para que a vida possa ser afirmada em todas as suas dimensões. É do fisiológico que os instintos se manifestam, não isoladamente, mas em forma de uma estrutura social, que se manifesta em impulsos e afetos. Por isso, é nesta estrutura pulsional que a política propriamente se apresenta: em forma de instintos, buscando assenhoreamento na base da luta entre forças diversas dispostas hierarquicamente. A cada instante um desses instintos alcança seu ponto de culminância, contudo, trata-se de um instante de plenitude, de maximização plena da capacidade do exercício das forças, que é o exercício do poder: “[...] toda a vontade é vontade para o poder [...] esta vontade de poder denota algo que é preposto ao ‘eu’ ou à ‘consciência de si’ [...] a expressão mais básica da vida ou mesmo o próprio elã vital” (Sampaio, 2013, p. 333). Essa expressão da vida compreende uma organização hierárquica dos diversos impulsos vitais, a alcançar estágios mais elevados. Porém, para que tal estágio seja alcançado, é preciso neutralizar as barreiras representadas pela moral. Por isso, tamanha é, pois, a contraforça que a moral detém em si, no sentido de impedir que os pontos

de força alcancem a sua culminância e plenitude.

A manutenção de uma política de remendos não é capaz de promover uma verdadeira reforma cultural, mas sim, uma política que desmantele radicalmente as próprias bases sobre as quais a cultura tem se estabelecido. Daí a importância de se investir numa grande política, a qual implica um projeto radical, que extrapola todos os estratos basilares sobre os quais a política se estabelece. Uma política grande envolve a fonte de onde emerge todo o direcionamento responsável pela mobilidade que produz a vida. Portanto, diz respeito à própria vontade de potência, a força mobilizadora da vida em todas as suas dimensões. E é, por essa razão, que a política pode ser grande, pois está sempre aberta a atingir dimensões mais amplas, mas elevadas, capazes de alcançar pontos culminantes. Contudo, a radicalidade do projeto de superação da moral de Nietzsche pretende desmantelar o solo mesmo de onde nasceram os valores, para de suas cinzas fazer brotar novos valores que impliquem em renovação e desmantelamento da ordem estabelecida. Nesse sentido, nada mais se pretende estabelecer como verdade última e inquestionável. Já que Nietzsche mesmo reconhece que a tradição profética anterior a ele foi devotada à mentira, daí a necessidade premente do estabelecimento de uma fórmula que venha a por a descoberto a falsificação em torno a tudo o que foi considerado verdade. Uma grande política somente é possível na medida em que constitua a integridade espiritual, pois é justamente aí que habita a força necessária para que a vida se afirme. Afinal, espírito é convicção, princípio, afirmação, o que só é possível na medida em que a fonte desse espírito for ativada, que é o próprio indivíduo e não o rebanho. Promover uma cultura do espírito é o projeto que o filósofo enceta. E, na medida em que tal cultura vai ganhando corpo, a radicalidade do projeto de superação da moral é empenhada, de modo que a política, na sua modalidade de grandeza, vai se efetivando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo percurso realizado foi possível refletir sobre um de entre os vários dilemas que se apresentam sobre o pensamento de Nietzsche: o de em que medida seu pensamento apresenta elementos que apontem para a política. Para além de tudo o que se tem refletido, o pensamento nietzschiano possui um alcance político. Contudo, o modo como se apresenta é muito diferenciado. Nietzsche aborda o problema da política não pelo viés estritamente sociológico, como ele é usualmente tematizado pelos diversos cientistas políticos, mas, antes, por um viés fisiológico. O filósofo alemão aborda o problema da política mediante o prisma de relações societárias, que se estabelecem entre os impulsos e afetos, por isso, como um caráter fisiológico e existencial. É na fisiologia, pelos diversos e complexos arranjos e relações que permeiam a vida, que se extrai elementos que servem de pistas de reflexão a apontar para os arranjos sociais que se estabelecem nas relações entre povos, nações e culturas.

De maneira especial, o pensamento de Nietzsche é devotado a refletir sobre a cultura. Por essa razão, é impossível abordar a política sem passar pela cultura, já a própria política é um dos componentes constituintes da cultura. O grande intento de Nietzsche é o de apresentar uma crítica à cultura ocidental, no intuito de desobstruí-la de um de seus maiores obstáculos: a moral. E, é justamente pela força, pensada enquanto expressão maximizada, que a virtude pode se concretizar. Por essa razão, diferentemente de uma determinada concepção moral, a virtude não se coaduna com uma visão de que se deve permanecer sempre na posição daquele que é considerado, em tudo, o último de todos, e sequer se poder almejar

algum espaço superior. Neste sentimento, de se estar sempre movido a ir além, em constante busca por superação, num desacomodar-se constante, que reside a virtude. Trata-se de um impulso incessante da vontade por domínio no sentido espiritual.

Como o projeto político de Nietzsche envolve um projeto de cultura, então trata-se de um projeto radical, pois está em jogo uma mudança de mentalidade. E essa mudança passa pelo embate e superação de um dos principais obstáculos que preside a cultura ocidental: a moral. Pela radicalidade que permeia uma conversão de mentalidade se acessa a possibilidade de ultrapassar os limites interpostos, de modo moral, de se posicionar diante da realidade. A política, assinalada pelo movimento de Nietzsche é uma política grande, por isso, não pode permanecer refém da pequenez de um rebanho que carrega a doença do rancor, do ódio e da vingança. Mas, antes, trata de uma política marcada pela força que extrapola os limites da enfermidade rancorosa e vingativa, apontando para uma saúde que se afirma como grande. Desse modo, grande saúde e grande política se unem em torno ao projeto aristocrático nietzschiano de cultura. Uma cultura se afirma pela força, própria da dimensão filosófica que a caracteriza, em uma hierarquia de instintos que querem dominar; tal domínio é de si e de suas condições como capacidade prática para o próprio cultivo de si. É pela vontade de dominar que, para além de uma conformação pautada pelo pudor da baixeza moralizante, se alcança níveis sempre mais culminantes de potência, nos quais se expressa o vitorioso. Logo, ser vitorioso, não é se conformar aos ditames morais de uma cultura, mas superá-los, na direção de uma radicalidade crítica e desconstrutiva. Nesta, a política, depurada de todas as enfermidades do ódio e da vingança passa a ser grande e, assim, gozar de uma grande saúde, de uma virtude compreendida como força, aquela que permite a efetivação de um projeto civilizatório de cultura aristocrática, caracterizado pela vontade de domínio, de autossuperação.

REFERENCES

- ARALDI, Clademir. Virtude. In: **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 418-419.
- HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. Trad. Débora Danowski. Editora Unesp: São Paulo, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. *Kritische Studienausgabe KSA*. Herausgegeben von Giorgio Colli undazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999. 15 Bd.
- _____. Briefwechsel: **Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB**. Herausgegeben von Giorgio Colli undazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986. 8 Bd.
- _____. **Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Genealogia da Moral. Uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SAMPAIO, Evaldo. **Por que somos decadentes?: afirmação e negação da vida segundo Nietzsche**. Brasília: Editora UNB, 2013.